

Escutar com a boca

[Listening with the mouth]

Vera San Payo de Lemos*

FISCHER, Claudia J. (2025). *Fernando Pessoa no Espelho de Celan*. Lisboa: Tinta-da-china. 199 pp. [ISBN: 978-989-671-912-8].



Gostaria de começar por traçar a génese deste livro, juntando dados que conheço da biografia e do trabalho da sua autora. Penso poder afirmar que depois de ter estudado a poesia de Paul Celan como germanista, a proximidade de Claudia J. Fischer com o modo de sentir e pensar do poeta e da sua actividade como tradutor se acentuou quando ambas traduzimos *Tempo do Coração* (Antígona, 2020), a correspondência entre Celan e a escritora austríaca Ingeborg Bachmann. As cartas dão conta da relação amorosa entre ambos, dos desentendimentos, do anti-semitismo que Celan, como sobrevivente do Holocausto, ainda sentia na pele muitos anos após o fim da guerra, e denotam a agudização do seu desequilíbrio psíquico, depois de ter sido injustamente acusado de ter plagiado o poeta Yvan Goll. A correspondência contém também os poemas que Celan dedica a Bachmann, referências a poemas de Aleksandr Blok, Serguei Essenine, Paul Éluard e Paul Valéry que se encontra a traduzir e sobre os quais lhe pede opinião. Lembro-me de irmos à biblioteca do Goethe-Institut em Lisboa consultar os cinco volumes da obra completa de Celan (publicada em 1983) e constatarmos que os dois últimos volumes reúnem todas as suas traduções de poesia, poemas de 42 autores, de William Shakespeare, Ossip Mandelstam, Arthur Rimbaud, entre muitos outros. Encontravam-se aqui também as suas traduções de sete poemas de Fernando Pessoa e dos seus principais heterónimos: “Iniciação” e “Autopsicografia”, do ortónimo, “A espantosa realidade das coisas” e “Sou um guardador de rebanhos”, de Alberto Caeiro, “As rosas amo dos jardins de Adónis” e “Para ser grande, sê inteiro”, de Ricardo Reis, e “Tabacaria”, de Álvaro de Campos. Penso que terá sido aí que nasceu a ideia para este livro, a ideia de estudar a fundo as traduções que Celan fez destes sete poemas.

Para a génese deste livro contribuiu também o conhecimento que a autora possui da obra de Pessoa e do seu espólio, patente no livro *Argumentos para Filmes* (Ática [Babel], 2011), que organizou com Patricio Ferrari, e nos estudos que publicou

* Centro de Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



nas revistas *Real*, *Pessoa Plural*, *Portuguese Literary & Cultural Studies* e *The Translator*. Confluíram na génese deste livro certamente também as traduções que publicou de obras de Thomas Mann, Rainer Maria Rilke, Walter Benjamin, Rainer Werner Fassbinder, Bertolt Brecht, assim como a reflexão sobre a teoria e a prática da tradução desenvolvida nos seminários de Tradução que lecciona na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Para além do estudo da obra de Celan, da obra de Pessoa e da teoria e da prática de tradução, importa referir também que Fischer tem uma formação musical, toca viola da gamba e se interessa pelo campo das interartes, em especial pela relação entre literatura e música, como se verifica em *Contos Musicais. Wackenroder, Kleist e Hoffmann* (Antígona, 2017), a antologia de narrativas do Romantismo alemão sobre temática musical que seleccionou e traduziu, e em *Melomania. Casamentos Perfeitos entre Música e Literatura* (Húmus, 2024), o volume que organizou com Cristiana Vasconcelos Rodrigues.

Portanto, Celan, Pessoa, a tradução e a música juntaram-se na concepção de *Fernando Pessoa no Espelho de Celan*, um livro que, no seu rigor filológico, na sua profundidade reflexiva, na sua escrita límpida e imagética, é também um tributo à beleza, um exemplo da graça e da graciosidade que a autora estudou com brilho em *Sobre Graça e Graciosidade* (Verbo, 2014), monografia baseada na sua tese de doutoramento em Teoria da Literatura.

No modo como o livro está estruturado, reconhecemos os princípios de uma composição musical. Abre com um prelúdio, desenvolve-se, compasso a compasso, em dez capítulos, relativamente curtos, até chegar ao décimo segundo, o capítulo maior, com a apresentação e o comentário das sete traduções de Celan, e termina com uma coda, como a parte final de uma composição musical.

No prelúdio, a autora expõe os objectivos do livro e o modo como os seus conteúdos serão desenvolvidos. Entre os principais objectivos contam-se voltar a trazer à luz as traduções, hoje praticamente esquecidas, que Celan fez dos sete poemas de Pessoa e dos seus heterónimos e proporcionar ao leitor português que não lê alemão a experiência de descobrir na reescrita de Celan, aqui apresentada também em retroversão portuguesa, novos sentidos de poemas que lhe são familiares. A metáfora do espelho, que surge no título do livro, não se reporta a uma suposta função replicadora do gesto tradutório, antes pretende, na senda de Elizabeth Barrett Browning, citada no prelúdio, salientar a singularidade de que esse gesto se reveste: quando o espelho é segurado por outras mãos, a uma luz diferente, em ângulos diferentes, dá a ver aspectos diferentes do texto de partida. Assim, aquilo que se procura aqui é posicionar o espelho de modo a reflectir o espelho de Celan, a sua poética de tradução, incidindo sobre os sete poemas que escolheu traduzir e iluminando neles outros sentidos possíveis, até então ocultos.

Os dez capítulos seguintes, com os títulos sugestivos “Descobrimento de Pessoa”, “Ler Pessoa pela mão de Celan”, “Mensagem numa garrafa”, “Alemão sem

território: Notas para uma biografia multilingue”, “Língua e emudecimento”, “Celan tradutor”, “Uma poética de tradução de Celan?”, “Pessoa em território alemão”, “Ouvir com a boca – um poema de Celan”, “‘Ouvi dizer’ na voz de Celan”, dão a conhecer como Pessoa foi descoberto no estrangeiro (primeiro em França, por Pierre Hourcade, Armand Guibert e André Breton), como Celan descobriu Pessoa, a poética de Celan, a sua biografia multilingue, o seu labor continuado de tradutor e a sua poética de tradução – passos, compassos, fundamentais para a compreensão dos princípios que se reflectem na sua tradução dos sete poemas de Pessoa, sobre a qual versa o décimo segundo capítulo do livro.

Nascido em 1920, em Czernovich, uma cidade junto à fronteira com a Rússia, que fez parte do Império Austro-Húngaro até 1918, depois integrada em território romeno e hoje uma cidade ucraniana, Celan cresceu num território multilingue e multicultural. Tinha o alemão como língua materna e dominava o hebraico, o iídiche, o romeno, o ucraniano, o francês, o inglês, o italiano, mas não o português. As traduções dos poemas de Pessoa, feitas em 1954 e publicadas em 1956 na revista alemã *Die Neue Rundschau*, partem de traduções existentes em francês e inglês e têm a colaboração de Edouard Roditi que, com base nos seus conhecimentos de português, forneceu a Celan traduções preliminares. Não há registos precisos dos moldes em que decorreu esta colaboração a que ambos atribuem uma importância diferente. As traduções, que Celan integra na sua obra, são pioneiras. São as primeiras traduções para alemão de poemas de Pessoa e distinguem-se das traduções posteriores mais conhecidas, de Georg Rudolf Lind, por uma aparente liberdade excessiva do poeta tradutor, pela “dicção celaniana” (17) que lhes imprime.

Fazendo referência a dois importantes discursos proferidos por Celan, quando recebeu o Prémio Literário da Cidade de Bremen em 1958 e o Prémio Büchner em 1960, Fischer destaca a metáfora do poema como “mensagem numa garrafa”, lançada ao mar e dirigida a quem a encontrar (que Celan retoma de Ossip Mandelstam, o poeta russo com o qual tem profundas afinidades e cuja poesia também traduz), para explicitar o cerne da poética de Celan: a noção de que o poema é por natureza dialógico, procura um outro, um interlocutor, quer ir ao seu encontro. A mensagem numa garrafa é também a imagem apropriadamente escolhida para a capa do livro pela *designer* Vera Tavares.

Celan encara a tradução de poesia como extensão prática da “poética do encontro” (25) que anima a sua escrita de poesia. Esta concepção levou-o a tomar liberdades poéticas nas suas traduções, o que suscitou críticas e controvérsias nos seus contemporâneos. Também o “meta-alemão” da sua poesia (nas palavras de George Steiner) é objecto de críticas depreciativas na imprensa que contribuem para o seu progressivo isolamento. Esse seu “meta-alemão” resulta essencialmente da sua relação complexa com a língua alemã, de uma língua que sempre considerou ser a sua língua materna e que se tornou a língua dos assassinos (como expressa no antológico poema “Todesfuge” [Fuga da Morte], que no título em alemão denota inequivoca-

mente os princípios musicais da sua composição). A ligação intrínseca entre a sua poesia e as suas traduções torna-se muito clara na citação escolhida para a epígrafe do sétimo capítulo, intitulado “Celan tradutor”: “Talvez chegue o dia em que as pessoas percebam que estes trabalhos [as traduções] se regem pela lei que me rege: tudo isto são encontros. Nas traduções também fui ao encontro da linguagem com tudo aquilo que sou” (36).

Para Celan, traduzir é *nachsprechen*, um verbo para o qual Fischer apresenta várias traduções, que caracterizam a poética de tradução de Celan como um “redizer”, um “repetir falando”, um “falar depois”, um “segundo falar” (41), no qual importa ter em conta a dimensão oral e sonora, o timbre da voz de quem fala, o que justifica também o modo como o poeta tradutor procura reproduzir as vozes diferentes de Pessoa e dos seus heterónimos. O poema a traduzir passa pelo corpo do tradutor, torna-se próximo, mantendo, no entanto, a sua estranheza, a poeticidade que lhe é própria. Na tradução, adquire uma proximidade estranha, uma *Fremde Nähe*, título que Celan pensou dar a um volume que viesse a reunir as suas traduções, mas que nunca se concretizou. Quase trinta anos após a sua morte, *Fremde Nähe* veio a ser escolhido como título para uma exposição sobre o seu trabalho como tradutor, apresentada entre 1997 e 1998 em Marbach, Berlim e Zurique.

Dos dez capítulos que preparam a apresentação da tradução dos sete poemas de Pessoa e dos seus heterónimos por Celan, gostaria de destacar o belíssimo décimo capítulo, intitulado “Ouvir com a boca – Um poema de Celan”, no qual a autora interpreta com mestria, de forma profunda, delicada e comovente, um dos últimos poemas de Celan, escrito em Novembro de 1969, poucos meses antes do seu suicídio por afogamento no Sena e só publicado postumamente. Do lugar das trombetas apocalípticas “fundo no incandescente | texto vazio” (54), na primeira estrofe, faz-se um apelo a um tu na breve segunda estrofe: “escuta bem | com a boca” (54). Como a autora salienta com precisão, no imperativo “hör dich ein”, do verbo *sich einhören*, remanescente do verbo *sich einfühlen* (empatizar), condensa-se o entendimento da poesia como um encontro, o dizer como um entrar na pele do outro através do ouvido, e o apelo a uma relação fusional entre ouvido e boca. Consequentemente, no capítulo seguinte, “‘Ouvi dizer’ na voz de Celan”, sugere-se a audição, na voz do poeta, do poema que se inicia com esse verso, cuja gravação está disponível no Youtube.

No longo décimo segundo capítulo, encontramos uma lista de estudos publicados sobre as traduções dos sete poemas de Pessoa por Celan, as cópias dos poemas na sua primeira publicação na revista *Die Neue Rundschau* e uma série de documentos valiosos, aqui reproduzidos e publicados pela primeira vez: os dactiloscritos das traduções dos sete poemas preservados no espólio de Celan em Marbach e no espólio de Roditi na Califórnia, com emendas manuscritas por Celan. Subdividido em sete secções, este capítulo trata de cada um dos sete poemas pela seguinte ordem: apresenta o original de Pessoa na edição que Celan usou, a tradução do poema publicada por Celan, a retroversão da versão alemã feita por Fischer, os manuscritos e

dactiloscritos do poema e das respectivas traduções e o comentário rigoroso da autora a cada uma das traduções de Celan, salientando como os hiatos, as elipses, a pontuação, as alterações semânticas, que ocorrem nas traduções de Celan e diferem do texto de partida, traduzem interstícios intuídos dos poemas de Pessoa ou, nas palavras da autora, “são marcas de um caminho que projecta a luz (ou a escuridão) celaniana na poesia de Pessoa”(186). Podem-se assim apreciar, simultaneamente, as ressonâncias familiares dos poemas de Pessoa e as diferenças introduzidas pelo segundo falar, pela recomposição e recriação dos poemas feitas por Celan na língua alemã.

O livro *Fernando Pessoa no Espelho de Celan* é uma preciosa mensagem na garrafa que Claudia J. Fischer lançou no mar para vir ao nosso encontro e nos fazer escutar com redobrada atenção as sonoridades profundas das vozes dos dois poetas.

VERA SAN PAYO DE LEMOS é investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi docente do Departamento de Estudos Germanísticos dessa Faculdade (1975-2021), onde leccionou Alemão, Didáctica do Alemão, Tradução e Estudos de Teatro. No teatro, trabalha regularmente desde 1980, na área da tradução e dramaturgia, em espectáculos de teatro e de ópera, com o encenador João Lourenço, no [Teatro Aberto](#). Publicou artigos sobre teatro, sobretudo nos programas dos espectáculos em que trabalhou. Colaborou na tradução e coordenou a edição dos quatro primeiros volumes do [Teatro 1](#), 2, 3, 4 de Bertolt Brecht (Livros Cotovia, 2003-2007). Traduziu, com Claudia J. Fischer, [Tempo do Coração](#) (Antígona, 2020), a correspondência entre Ingeborg Bachmann e Paul Celan. Recebeu o Prémio Austríaco de Tradução pelas peças *As Presidentes* (1997) e *Peso a mais Sem peso Sem forma* (2004), de [Werner Schwab](#), o Prémio da Crítica 2003 e a Medalha Goethe 2006.

VERA SAN PAYO DE LEMOS is a Researcher at the Centre of Theatre Studies, School of Arts and Humanities, University of Lisbon. From 1975 to 2021, she taught German, German Language Didactics, Translation and Theatre Studies at the same institution. Since 1980, she has worked regularly in theatre as a translator and dramaturg in theatre and opera productions, mainly with the director João Lourenço at [Teatro Aberto](#). She has published several articles on theatre, especially in programmes for productions in which she collaborated. She co-translated and coordinated the edition of the first four volumes of [Teatro 1](#), 2, 3, 4 by Bertolt Brecht (Livros Cotovia, 2003–2007). With Claudia J. Fischer, she translated [Tempo do Coração](#) (Antígona, 2020), the correspondence between Ingeborg Bachmann and Paul Celan. She received the Austrian Translation Award for [Werner Schwab's](#) plays *As Presidentes* (1997) and *Peso a mais Sem peso Sem forma* (2004), the Theatre Critics Award (2003) and the Goethe Medal (2006).